

* *
*

SERRÃO (Joaquim Veríssimo). — *Do Brasil filipino ao Brasil de 1640*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968. 264 páginas (Coleção “Brasiliana”, Volume 336).

Sobre esta obra do eminente historiador português, relativa a um período pouco estudado da história brasileira — o chamado *domínio espanhol* — assim se expressa, apresentando o livro, o diretor da coleção “Brasiliana”, Américo Jacobina Lacombe: “(...) acima de tudo, e nisto consiste sua contribuição original, focaliza a feição própria do período filipino no Brasil, que, diversamente do que se passou na Europa, significou um reforçamento das raízes portuguesas, uma valorização do território, a criação de novas formas de vida política, social, religiosa e econômica. A imagem brasileira dos reis espanhóis, que temos apreciado através do juízo dos portugueses, terá que se retificada. Eles defenderam tenazmente uma tese que constitui o nosso traço característico no continente: a unidade. Não se trata de uma apologia descabida e contrária ao sadio espírito luso-brasileiro. Longe disso, Trata-se da verificação de um fato histórico. Ao lado disso, a ação colonizadora no Brasil, essencialmente portuguesa, e realizada por portugueses, intensificou-se. A concepção do Brasil alterou-se: de uma simples miragem, passou a integrar-se no complexo atlântico, que dêle fazia um espaço por excelência na política dos oceanos (...). A Restauração consegue o apêlo do nôvo mundo, salva o império português e conserva a integridade do domínio americano precisamente porque durante o “cativeiro” se reforçara o apêlo dos portugueses do Brasil à pátria distante e à consciência de um destino comum. Eis uma tese extremamente importante para uma concepção luso-brasileira de nossa história”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

PETRONE (Maria Thereza Schörer). — *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1968- 246 páginas (Coleção “Corpo e Alma do Brasil”, volume 21).

São animadoras as pesquisas cujos resultados levam-nos a veredas ainda não desbravadas ou quando implicam em revisão de conhecimentos arraigados por longa tradição, mas que, no mais das vêzes, esperam ainda pelo tratamento definitivo que a utilização de fontes mais seguras pode lhes dar. Está no primeiro caso o recente trabalho em que a Professôra Maria Thereza Schörer Petrone estuda a lavoura canavieira em São Paulo. Contribuição excelente não só para a história do açúcar, mas para a própria história de São Paulo, tão pouco estudada, diria até tão desprezada pelos nossos pesquisadores. Todos os Estados estudam suas histórias. Grande número dêles as inclui no próprio currículo escolar como matéria independente e obrigatória. Nada neste sentido se faz em São Paulo e boa parte dos nossos estudiosos prefere tratar de assuntos relativos a outras áreas. Não que elas não mereçam nossa atenção. Mas seria tão útil se isto acontecesse sem prejuízo do estudo de nosso passado.

E' antes como uma valiosa contribuição à história de São Paulo que prefiro apreciar o livro de minha prezada colega da Universidade de São Paulo. E justamente sôbre um dos períodos mais importantes da história paulista, qual aquê representado pelos fins do século XVIII e início do XIX, o "São Paulo restaurado", como tem sido chamado, o São Paulo que, qual nova Fenix, ressurgiu de suas próprias cinzas, após o período de quase vinte anos em que a tal ponto o levára sua decadência, que a própria Capitania fôra extinta e simplesmente anexada ao Rio de Janeiro.

Pela restauração respondeu o renascimento agrícola ao qual está ligado, de início, o Morgado de Mateus, primeiro governador de São Paulo nesta nova fase. E êste renascimento agrícola se faz com base na cultura da cana-de-açúcar, responsável pelo povoamento e utilização econômica do meio-oeste de São Paulo, precisamente a área que tem como centro principal a cidade de Campinas. Em pesquisas que realizei há muitos anos, e cujas primícias foram publicadas em outro local, divulguei dados preciosos sôbre os primeiros recenseamentos de nossa cidade, e em todos êles, naquele período tão importante que precedeu a instituição do município e antecedeu até a criação da freguezia (espécie de pré-história campineira...) o açúcar aparece como atividade dominante. Mas nada havia sido escrito até então, que pudesse oferecer-nos um panorama do que representou para esta região êsse "ciclo do açúcar paulista", que até a metade do século passado vai constituir a maior parcela do valor econômico de São Paulo.

Realizando exaustivas pesquisas no Arquivo do Estado, utilizando valiosa documentação oficial até então praticamente inaproveitada, a começar pela memória de Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, governador de São Paulo nos últimos anos do século XVIII, manuseando fontes seguras e na quase totalidade originais, a autora, sem se perder ou deixar-se sepultar pela documentação compulsada, antes tirando dela os elementos necessários para a exata compreensão do problema que se propôs a tratar, soube ressaltar com tóda a evidência a importância do "quadrilátero do açúcar" na economia paulista, preenchendo, assim, sensível lacuna de nossa história.

Como lembrou Sérgio Buarque de Holanda na apresentação do volume, "sem ter atingido a importância que assumiu no Nordeste ou no Rio de Janeiro, a economia açucareira foi a responsável, na área paulista, pelo início de um autêntico processo revolucionário, estabelecendo-se ali, pela primeira vez em escala considerável, uma lavoura de cunho comercial sustentada no trabalho escravo. Com isso, não só se firmará a estrutura agrária, que passa depois a sustentar por longo tempo a produção cafeeira, mas se formarão e consolidarão os cabedais necessários à exploração da nova e mais pujante fonte de riqueza. Não há pois exagero em dizer que a dinâmica de tóda a economia paulista, a partir do século XIX e indiretamente a da economia brasileira, se torna mais inteligível com o conhecimento prévio desse fator, que a alentou de modo decisivo".

Não se prendeu a autora a uma história quantitativa, que está hoje tão em moda, a qual acaba por vêzes desumanizando a história. Não. O homem aparece no trabalho da Professôra Petrone e o seu significado dentro da estrutura açucareira é ressaltado ao longo de três ou quatro capítulos relativos aos senhores de engenho, aos escravos e a vida social que essa estrutura condicionou. E' pena que as estatísticas que utilizou, tomadas com a reserva que se impõe, não permitiram à autora uma linha de continuidade, seja com relação ao volume de produção

ou de exportação do açúcar. Mas as que encontrou atestam a importância dessa cultura, ponderável e predominante na economia paulista até meados do século passado. Assim, pode-se afirmar, sem temer exageros, “que na época que nos interessa todos os bairros ou povoados do “quadrilátero” tiveram praticamente sua origem ou desenvolvimento ligados à cana. Povoados e vilas foram criados e estimulados com os lucros proporcionados pelo açúcar. Basta lembrar, como exemplo, o caso de Campinas, além de outros aglomerados mencionados no capítulo referente às áreas. Com o correr do tempo, obrigados a se expandirem para o oeste, os canaviais prepararam a infra-estrutura econômica que permitiu depois a rápida penetração dos cafezais. O engenho e o canal impregnaram a paisagem, transformando-a completamente” (pág. 225). Precioso me pareceu o quinto tópico do capítulo oitavo, em que estuda as estradas do açúcar, as tropas e os ranchos. Colhendo informações preciosas, à vista de valiosa documentação, apresenta-nos excelente panorama dos transportes e comunicações ligadas à atividade açucareira, outro assunto sobre o qual escasseiam os dados (págs. 186 a 222). Os viajantes estrangeiros que no século passado percorreram São Paulo (Mawe, Saint-Hilaire, Kidder, entre outros) constituem documentos preciosos para o conhecimento da vida paulista da primeira metade do século passado. Pena que, não tendo São Paulo naquela época a mesma importância de outras províncias, muitos outros viajantes ilustres que perambularam o Brasil não se dignaram visitar a nossa província, preferindo viajar pelo nordeste e norte ou simplesmente pelo litoral do país. Mas Saint-Hilaire, vindo de Goiás e seguindo para o sul (fazendo, pois, o contrário de quase todos os outros viajantes), deixou precioso informe sobre o passado paulista, que foram largamente utilizados pela autora do presente ensaio. “Fonte inestimável para a reconstituição da vida paulista”, diz a Professora Petrone do grande botânico francês que tão bem soube compreender e sentir nosso país.

Conseguiu a Professora Maria Thereza Schöerer Petrone com este volume em boa hora editado pela Difusão Européia do Livro, aquilo que, a meu ver, constitui a aspiração máxima de um autor: publicar um livro que não pode ser ignorado. Com efeito, ela será doravante de consulta obrigatória para quem se interessar pela história de São Paulo, pois veio elucidar, segundo suas próprias palavras, “um período da história paulista pouco conhecido e que liga a fase do bandeirismo ao ciclo do café”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

AMARAL (Brenno Ferraz do). — *José Bonifácio*. São Paulo. Editora Martins. 1968. 200 páginas.

Trata-se de obra póstuma, pois seu autor faleceu em 30 de julho de 1961, num momento em que se interessava vivamente pela vida e pela obra do grande Andrada, chegando a publicar na imprensa boa parte do material reunido para a formação do presente volume. Pela coordenação do livro, responde Pedro Ferraz do Amaral, irmão do autor. A obra dá ênfase especial ao período da formação de José Bonifácio, em geral descuidado pelos seus biografos. Em apêndice, anexou-se artigo em que o autor reivindica para José Bonifácio a autoria